


O programa iconográfico do baldaquino do Santuário Nacional de Aparecida

Christiane Meier¹

 0000-0003-2578-1029

Como citar:

In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 16, 2022. **Atas do XVI Encontro de História da Arte**. Campinas: IFCH/UNICAMP, n. 16, 2022.

DOI: 10.20396/eha.16.2022.4988

Resumo

Esta comunicação tem por objetivo apresentar a iconografia do baldaquino do Santuário Nacional de Aparecida, trabalho do artista sacro brasileiro, Cláudio Pastro (1948-2016). Ele pautou-se pelos preceitos do Concílio Vaticano II, Paleogreja e à Patrística, contudo atualizando as imagens à realidade de seu tempo. A presente pesquisa baseia-se em Eliade no que tange à ideia da catedral como *imago mundi*, em diálogo com o pensamento de Pastro. Observaremos os pontos levantados pelo autor e pelo artista e verificaremos o que outros autores como Rupnik, Tommaso e Cunha escreveram sobre o tema.

Palavras-chave: Arte sacra. Cláudio Pastro. Santuário Nacional de Aparecida.

¹ Mestre em Ciências Humanas pela UNISA/Universidade Santo Amaro, membro do Grupo de Pesquisa 'Arte Sacra contemporânea: religião e história' do Labô-PUC/SP, coordenado pela Profa. Dra. Wilma S. de Tommaso, e do Grupo de Pesquisa 'Estética e Arte Sacra' da Faculdade São Bento de São Paulo, coordenado pela Profa. Dra. Lúcia de Souza Dantas.

Introdução

Apresentaremos um recorte de nossa pesquisa de arte sacra cristã contemporânea, analisando o programa iconográfico do baldaquino do Santuário Nacional de Aparecida. Esse espaço iconográfico foi inaugurado em 2017, por ocasião da abertura da Campanha da Fraternidade.

Vejamos, primeiramente, o que foi publicado por ocasião da inauguração.

Em março de 2017, o Santuário de Aparecida inaugurou a obra do revestimento do baldaquino, que são os quatro pilares que sustentam a estrutura da Cúpula Central. A obra foi apresentada durante a abertura da Campanha da Fraternidade de 2017, que enfatizava o tema "Biomas Brasileiros e defesa da vida" e lema "Cultivar e guardar a criação". A arte de Claudio Pastro em torno do Altar Central retrata a rica biodiversidade brasileira e evidencia a grande Criação [...].²

Pastro entendia a basílica não só como o autorretrato da Igreja, mas igualmente de nossa brasilidade. Assim, plasmou não somente os Evangelhos nas paredes das quatro naves, mas também algumas características brasileiras no baldaquino. Piso e cúpula no entorno do altar tampouco foram deixados de fora desse autorretrato.

Observemos, então, a importância atribuída ao Santuário nas palavras do Pe. Daniel:

Nesse templo santo reside também a maturidade artística do maior artista sacro da contemporaneidade. Cláudio Pastro expressou, em traços de arte e espiritualidade profunda, a história da Rainha e Padroeira do Brasil, a brasilidade desse templo singular e a catequese bíblica que nenhuma outra igreja neste imenso Brasil até hoje viu. O ápice dessa magistral obra de arte e catequese está no Baldaquino, encimado pela grande Cúpula Central da Basílica.³

A harmonia e a unidade do Santuário foram descritas por Pastro do seguinte modo:

Na composição material, visual e ambiental, não se pode perder de mira o VISÍVEL que nos revela o INVISÍVEL. [...] Este não só é um Santuário Nacional da Fé, mas sobretudo um centro educativo da fé e de uma cultura de unidade nacional.⁴ (grifos do original).

²Em <https://www.a12.com/redacaoa12/igreja/o-esplendor-da-natureza-brasileira-na-arte-sacra-de-aparecida>, acessado em 25/09/2022.

³SILVA, Pe. Daniel Antônio in PASTRO, **Santuário de Aparecida**, São Paulo: Editora Santuário, 2018, p. 5.

⁴PASTRO, Cláudio. **Guia do espaço sagrado**, São Paulo: Edições Loyola, 1999, p. 252.

Ressaltamos as palavras de Pe. Daniel, “**a brasilidade desse templo singular**” (grifo nosso), brasilidade de um santuário que se pretende nacional, de todos os brasileiros; e chamamos a atenção ainda para as palavras de Pastro sobre a igreja “**ser um centro de unidade nacional de fé e cultura.**” (grifo nosso)

Como já mencionado, em Aparecida, o artista seguiu os preceitos do Concílio Vaticano II e olhou para a arte sacra do primeiro milênio e para as catedrais românicas. Eliade discorreu sobre a sociedade do século XI, construtora dessas catedrais que, para alguns autores⁵, foi ‘o’ estilo arquitetônico e artístico do cristianismo latino. Disse ele: “A catedral é uma *imago mundi*. O simbolismo cosmológico organiza e sacraliza o mundo ao mesmo tempo. ‘O Universo é considerado numa perspectiva sacralizada, trata-se da pedra ou da flora, da fauna ou do homem.’”⁶ Pastro tem o mesmo entendimento: “Quando observo um templo budista, uma igreja cristã ou uma cestaria indígena, estou vendo a *imago mundi* – a imagem de mundo – que as pessoas têm nas suas respectivas culturas. É uma ordem no cosmos.”⁷

Importante ressaltar a visão de cosmo presente na catedral, fato destacado por Eliade; adiante ele sintetiza seu pensamento sobre a arte românica: “Mas o gênio da arte românica consiste justamente no ardor de sua imaginação e no desejo *de reunir na mesma unidade* todas as formas de existência nos mundos sagrado, profano e imaginário.”⁸ (grifo no original).

Eliade descreve a iconografia do românico e aponta para seu caráter de instrução:

Interessa-nos [...] não apenas a importância dessa iconografia na instrução religiosa do povo, mas também seu papel no despertar e no livre voo da imaginação, e, portanto, do pensamento simbólico. A contemplação e tal iconografia fabulosa familiariza o cristão com uma série de universos simbólicos, religiosos e parareligiosos. O fiel penetra progressivamente num mundo de valores e de significações que, para alguns, acaba por tornar-se mais “real” e mais precioso que o mundo da experiência cotidiana.⁹

Lembremos que também Pastro observa o caráter educativo e mistagógico de sua arte no Santuário. Ele também mostra ao observador não só a visão de mundo do cristão, mas do povo brasileiro: vê-se a natureza e os povos formadores do país espelhados nas paredes. Pastro justifica: “na cúpula, como um anel, coloquei a flora e a fauna brasileiras – Deus faz alianças com esta terra [...]”¹⁰ Isso nos recorda as palavras de

⁵ Vide, por exemplo, TOMMASO, Wilma S. *O Cristo Pantocrator*, São Paulo: Paulus, 2017, p. 69-72.

⁶ ELIADE, Mircea. *História das crenças e das ideias religiosas* – vol. III, Rio de Janeiro: Zahar, 2021, p. 100. Ressaltamos que Eliade cita aqui a obra de DAVY, Marie-Madeleine. *Initiation à la symbolique romane*, Paris: Flammarion, 1964, p. 19.

⁷ PASTRO, Cláudio *apud* GUIMARÃES, Pe. Valdivino. *Iconografia de Aparecida* – teologia da imagem, São Paulo: Paulus, 2017, p. 39.

⁸ Opus citatum, 1999, p. 100.

⁹ Ibidem, p. 101.

¹⁰ Opus Citatum, 2017, p. 251.

Eliade sobre “o ardor [... da] imaginação e [... do] desejo **de reunir na mesma unidade todas as formas de existência nos mundos sagrado, profano e imaginário.**”¹¹ (grifo nosso), presentes também em Aparecida. Observaremos não só o sagrado, mas como o profano em uma releitura cristológica.

Cunha descreve o Santuário e situa-nos no seu espaço:

Essa edificação revela, a princípio, uma cruz grega, com quatro naves [...] tendo por coração o altar, bem ao centro. [...] Acima do altar, observa-se o baldaquino, que tem em sua cúpula a árvore da vida, com pássaros em extinção no Brasil e que representam os peregrinos aninhados e acolhidos nos seus ramos, em busca da vida, do acolhimento [...].¹²

O baldaquino

Mencionamos o baldaquino [Figura 1] sem olhar para a sua estrutura. Para Pastro, baldaquino é uma armação “com quatro pequenas colunas ou apenas suspenso do teto, é um ‘telhado’ quadrado ou redondo, de pedra, bronze ou tecido, apenas usado sobre os imperadores e reis. Na Igreja, durante muitos séculos, foi e ainda é usado sobre o altar.”¹³ Em Aparecida, precisaremos misturar todos os conceitos para chegar a seu baldaquino, já que não se trata de um dossel de tecido e tampouco é uma construção em separado que demarca o altar. O baldaquino de Aparecida foi o aproveitamento da arquitetura do espaço e não uma construção em separado; o artista utilizou as quatro colunas que sustentam a cúpula e que estão ao redor do presbitério. As colunas medem 60 metros de altura e foram revestidas de azulejos com iconografia desenvolvida por Pastro. As colunas levam os olhares dos fiéis para o alto, onde está a cúpula de mosaico que fica a 72 metros acima do altar.

Ao centro da cúpula [Figura 2] está o Espírito Santo em forma de pomba e, ao redor, a árvore do Paraíso/da vida, com pássaros brasileiros a revoar: tuiuiús, araras, tucanos e tantos outros. Segundo Pe. Daniel Antônio, “a cúpula retrata uma grande árvore, a árvore da vida que nos espera. Ao redor dessa árvore tem várias aves voando e querendo pouso, representando os peregrinos e todo os seres humanos que caminham um dia para o repouso celeste”¹⁴. Notamos ainda um círculo vermelho vivo delimitando esse espaço e inferimos ser o reflexo do fogo do Espírito Santo, da presença de Deus neste local. O mesmo vermelho das línguas de fogo do Espírito Santo que, no Pentecostes, desceram sobre as cabeças dos discípulos.

¹¹ Opus Citatum, 1999, p. 100.

¹² CUNHA, Zenilda. **A composição do espaço sagrado no Santuário de Aparecida**: arte sacra de Cláudio Pastro em Aparecida, 300 anos de fé e devoção, Aparecida: Academia Marial de Aparecida, 2017, p. 148.

¹³ Opus Citatum, 1999, p. 164.

¹⁴ <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/festa-da-padroeira/2018/noticia/2018/10/10/obra-arquitetonica-encantante-que-visitam-a-basilica-de-aparecida.ghtml>, acessado em 25/09/2022.



Figura 1:
Cláudio Pasto, **baldaquino** do Santuário Nacional de Aparecida.
Foto: Portal A12 / Thiago Leon.



Figura 2:
Cláudio Pasto, **cúpula** do Santuário Nacional de Aparecida.
Foto:
<https://cronicasmacaenses.files.wordpress.com/2017/11/santuاريو-nossa-senhora-aparecida-vistas-da-cupula-12-6.jpg>.

Há uma carreira de janelas abaixo do círculo vermelho, que permite a entrada de luz natural e ilumina a cúpula dourada, representação simbólica do céu cósmico. Abaixo deste, um anel de fundo azul e letras douradas, denotando a sacralidade das palavras anunciando a Boa Nova, a encarnação do Verbo. Lemos então a primeira parte da Ave Maria: “Ave Maria cheia de graça, o Senhor é convosco [palavras do arcanjo Gabriel], Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. [palavras de Isabel]”. As letras de forma são grafadas em maiúsculo, com fonte desenvolvida pelo artista, remetendo-nos às maiúsculas latinas utilizadas em inscrições da Paleioigreja. Por último, arrematando esta parte arredondada da cúpula, uma faixa dourada, cor do sagrado, com folhas e cachos de uva em branco, a cor do Espírito Santo, da transfiguração de Jesus - todos símbolos do cristianismo desde a arte dos primeiros tempos da nova fé.

Baixando o olhar mais um pouco, divisamos as quatro colunas que sustentam a cúpula e os arcos que permitem o ingresso ao presbitério, com o altar ao centro. Assim, “os grandes arcos correspondem à travessia do Mar Vermelho para a libertação e a entrada na Terra Prometida pelo rio Jordão.”¹⁵ No alto das colunas, observamos os quatro anjos do Apocalipse¹⁶ (Ap 7,1), denotando não só os quatro cantos do mundo, mas os quatro cantos do Brasil.

¹⁵ CUNHA, Zenilda. opus citatum, p. 149.

¹⁶ Todas as citações bíblicas foram tiradas da Bíblia de Jerusalém, São Paulo: Paulus, 2016.

Voltamos a Eliade que nos diz o seguinte a respeito da cosmologia das catedrais, citando Sedlmayr¹⁷ - e que notamos também em Aparecida:

As quatro partes do interior da igreja simbolizam os quatro pontos cardeais. O interior da igreja é o Universo. O altar é o Paraíso [...]. O centro do edifício é a Terra. [...] limitada por quatro paredes, cobertas por uma cúpula. As quatro paredes do interior de uma igreja simbolizam os quatro pontos cardeais.¹⁸

Cláudio Pastro menciona o cosmo como um lugar ordenado e santificado por Cristo na cruz e em oposição ao caos primordial. Em entrevista a Egídio S. Toda¹⁹, ele afirma o seguinte sobre o presbitério: “[...] se o espaço é completamente diferente do exterior, e que não copia shopping, não copia banco, não copia nada da nossa vida externa, esse caos externo, elas [as pessoas] vão entrar numa harmonia. E ali é um cosmo, um universo fechado.” Cosmo plasmado nas quatro paredes do baldaquino, a partir do altar que está no centro de uma cruz grega, dita cósmica por Pastro, apesar de uma das naves ter quatro metros há mais que as outras três, denotando, levemente, o esquema de uma cruz latina.

Assim antes de analisar as colunas, olhemos para o altar [Figura 3], que está exatamente abaixo da cúpula. No guia do Santuário de Aparecida, lemos que “o Altar (a mesa de pedra-granito maciço) é o centro e a peça mais importante de todo o espaço da Basílica. [...] Para nós, cristãos, o Altar é o centro do Cosmo, o umbigo do mundo [...].”²⁰, o *omphalos*/ônfalo dos gregos. Ele afirma ainda que “o altar tinha que estar debaixo da cúpula central, porque realmente reúne, dos quatro cantos da terra, norte, sul, leste e oeste, os povos. Então tem esse sentido central, de centralidade.”²¹ E o artista explica ainda que o centro do Santuário “é uma



Figura 3:
Presbitério do Santuário Nacional de Aparecida.
Foto: Portal A12 / Thiago Leon

¹⁷ Opus citatum, p. 63 onde cita SEDLMAYR, Hans. *Die Entstehung der Kathedrale*, Akademische Druck- u. Verlagsanstalt, 1988, p.119.

¹⁸ Ibidem, p. 63 onde cita WOLSKA, W. *La topographie chrétienne de cosmos Indikopleustès*, Paris : Presses Universitaires de France, 1962.

¹⁹ TODA, Egídio S. **A arte sacra de Cláudio Pastro na Basílica de Aparecida e sua contemporaneidade** – história, cultura e leitura de suas obras, dissertação de mestrado defendida em 2013, na Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, p. 150.

²⁰ PASTRO, Opus Citatum, 2018, p. 55.

²¹ PASTRO apud TODA, Opus Citatum, p. 157.

praça. E no meio dessa praça tem a fonte da vida, e tem a árvore da vida, que é a árvore que Adão perdeu no Paraíso e que Jesus recupera na cruz [...].²²

Portanto, o centro do Paraíso é representado pela Árvore da Vida (Gn 2,8), como na cúpula acima do altar; pendendo do centro desta, avistamos a cruz que se alinha com a mesa. Assim, o lenho da cruz plantado no Gólgota aponta e conecta o altar ao Paraíso, ao centro do Céu, formando o eixo cósmico, a *axis mundi* cristã descrita por Eliade.²³

No centro da Basílica, na intersecção da cruz cósmica/grega, encontra-se, como dissemos, o altar de um bloco só de pedra de quatro toneladas.

Então a ideia é, quando a pedra cai na água, ela forma círculos concêntricos. Os que estão mais perto, são perfeitos, os que estão mais distantes vão perdendo a perfeição e se dissipando. [...] Esta água tem um desenho em zigue-zague, que é o desenho, a concepção indígena de água.²⁴

Segundo Pastro, toda arte sacra move-se em chave simbólica e deve ser sutil ao mostrar a mistura de culturas, nomeadamente as que fundamentam a arte sacra cristã: grega, romana e egípcia, bem como as culturas formadoras de nosso país. Ele coloca-as em detalhes que muitas vezes não são notados.

Então, ali tudo tem um símbolo, um sinal marcante, que quando não é cristão em si, é misturado com a nossa brasilidade indígena. Sem ser demais explícito [...]. Porque, por exemplo, explicitar demais o índio, explicitar demais o branco, explicitar demais o negro, nós não somos isso. Nós somos uma fusão imensa de raças. São pequenos destaques que a gente vai colocando.

Quanto às colunas propriamente ditas, lemos no guia do Santuário de Aparecida:

Nas quatro colunas do baldaquino estão representados os biomas brasileiros Mata Atlântica, Caatinga, Cerrado, Floresta Amazônica e Mata de Araucárias. Cada coluna representa uma estação do ano, por meio dos ipês, e uma fase da reprodução humana.

O conceito de toda a flora e fauna brasileiras é que em Cristo todo o cosmo foi recuperado. 'Tudo foi feito por meio d'Ele e sem ele nada foi feito' (Jo 1,3). A presença dos quatro anjos indica-nos que o Altar, a Eucaristia, é o centro dos quatro cantos da Terra e do Cosmo.

Os anjos representam as raças brasileiras – negro, branco, caboclo e indígena.²⁵

²² Ibidem, p. 157.

²³ Opus Citatum, p. 38 e demais.

²⁴ PASTRO apud Toda, Opus Citatum, p.158.

²⁵ Opus Citatum, p. 59.

Notamos a inculturação demandada pelo Concílio e representada de forma sutil, como Pastro acreditava ser necessário. Tommaso aclara ainda que

Cláudio se autodenominava um artista pós Concílio Vaticano II, pois se inspirou nos documentos conciliares os quais sugerem que a arte sacra que reveste as igrejas deve conter elementos que expressem a cultura de cada povo em sua nação. Não foi, portanto, uma extravagância de Pastro, mas a compreensão de uma demanda conciliar que o inspirou a utilizar-se de elementos das culturas afro-indígenas assim como a fauna e a flora brasileiras.²⁶

A autora comenta ainda sobre a inculturação propriamente dita:

Ao fazer uma água no chão, no piso da Basílica de Aparecida com influência indígena, mostrou de uma maneira muito sutil e elegante a inculturação, pois inculturação significa a íntima transformação dos valores culturais autênticos, pela sua integração no cristianismo e o enraizamento do cristianismo nas várias culturas.²⁷

A muiraquitã [Figura 4], por exemplo, pequena rã encontrada na foz do Amazonas, presente nos azulejos das colunas, muitas vezes não é notada pelo visitante, entendendo este tratar-se de mero ornamento. Contudo, também uma simbologia que pode ser lida em chave cristã.

A rã é símbolo da Ressurreição, em todos os povos primitivos, porque a rã (tanto nos nossos índios, como nos astecas, como nos povos africanos), quando começa vir a seca, ela vai se colocando no barro, na lama, o que vai sobrando de úmido e ela aguenta até mais ou menos uns dois anos, ela fica como uma folha de papel. Na primeira chuvinha, ela renasce. Todas as culturas primitivas têm a rã.²⁸



Figura 4:
Cláudio Pastro, **azulejaria com muiraquitã**, detalhe das colunas do baldaquino do Santuário Nacional de Aparecida.
Foto: Silvana Borges

Como pontuado anteriormente, as quatro colunas representam os quatro cantos da terra, as estações do ano, as fases da vida, os biomas e as raças formadoras do povo brasileiro. Assim, logo abaixo

²⁶ TOMMASO, Wilma S. **Cláudio Pastro, a inculturação e a arte indígena no Santuário Nacional de Aparecida**, São Paulo: Revista Piratininga, vol. 3, 2020, p. 26.

²⁷ Ibidem, p. 28.

²⁸ PASTRO apud TOMMASO, Ibidem, p. 28

do anel com a Ave Maria e uma faixa com folhas de parreira, vemos os arcos e as colunas; nessas, há quatro anjos, conforme relato do Apocalipse: “[...] vi quatro Anjos, postados nos quatro cantos da terra, segurando os quatro ventos da terra [...]” (Ap 7,1). Cunha diz que “esses anjos indicam-nos que o altar é o centro dos quatro cantos da Terra e do Cosmo.”²⁹ Cada anjo retrata uma raça formadora do povo brasileiro:

- a) o anjo índio [Figura 5], com um turíbulo de ouro para incensar e louvar o Senhor (Ap 8);
- b) o anjo caboclo [Figura 6], soprando um *shofar* ou berrante, anunciando a Boa-Nova (Ap 10);
- c) o anjo branco [Figura 7], com um caniço para medir a extensão do templo e da Jerusalém Celeste (Ap 11);
- d) o anjo negro [Figura 8], com um pandeiro, sinalizando o louvor divino (Ap 11).

Os quatro anjos estão em movimento, dançando se assim pode-se dizer. O branco e o caboclo voam, aproximam-se vindos do alto; em pé, o índio movimenta-se na mesma direção em que balança seu turíbulo dourado e o negro toca seu pandeiro. Todos em azulejos pintados em azul e branco, com elementos dourados aqui e ali – e nas auréolas; estão colocados sobre um fundo dourado luminoso, simbolizando a Glória.

Abaixo dos anjos estão os biomas brasileiros: a Floresta Amazônica e sua diversidade têm o índio acima; o cerrado e a caatinga tem o negro; a Mata Atlântica, o branco e a Mata de Araucárias, o caboclo, todas as regiões com seus animais correspondentes. Pastro nos remete às três palavras gregas para ‘vida’ que aparecem nos Evangelhos³⁰: *bios*, *psiché* e *zoé*. Ele apresenta nas colunas do baldaquino a *bios*, ‘a vida biológica, corpórea como tal’, e a *psiché*, ‘a vontade de viver, de não morrer, de permanecer, de pensar, de pensar a vida [...] de ter sentimentos que tornam o homem nobre’³¹ Já a *zoé* está acima, na cúpula, no Paraíso, na vida eterna, representada pela Árvore da Vida e os pássaros. “A arte está sempre ligada à vida. [...] a arte é sempre expressão da vida.”³²

²⁹ Opus Citatum, p. 149.

³⁰ *Bios* traduzida como vida em Lucas 8,14; *Psiqué* como vida em Mateus 16,25 e *Zoé* como vida em João 1,4. (BORGES, Silvana. Apresentação no Seminário de Inverno 2021 do LABÔ – Fundação São Paulo.).

³¹ RUPNIK, Pe. Marko I. **A arte como expressão da vida litúrgica**. Brasília: Edições CNBB, 2019, p. 16.

³² *Ibidem*, p. 13.



Figura 5:
Cláudio, Pastro, **Anjo índio** com turíbulo de ouro, Santuário Nacional de Aparecida
Foto:
<https://www.a12.com/redacaoa12/santuaronacional/faca-um-tour-angelical-pelo-santuaronacional-de-aparecida>



Figura 6:
Cláudio Pastro, **Anjo caboclo** tocando o shofar ou berrante, Santuário Nacional de Aparecida
Foto:
<https://www.a12.com/redacaoa12/santuaronacional/faca-um-tour-angelical-pelo-santuaronacional-de-aparecida>



Figura 7:
Cláudio Pastro, **Anjo branco** com o canção, Santuário Nacional de Aparecida
Foto:
<https://www.a12.com/redacaoa12/santuaronacional/faca-um-tour-angelical-pelo-santuaronacional-de-aparecida>



Figura 8:
Cláudio Pastro, **Anjo negro** com pandeiro, Santuário Nacional de Aparecida
Foto:
<https://www.a12.com/redacaoa12/santuaronacional/faca-um-tour-angelical-pelo-santuaronacional-de-aparecida>

Cada coluna contém uma abertura e, abaixo desta, vemos medalhões com a formação da vida humana representada em quatro fases e ipês com as características de cada estação do ano. As árvores do outono contêm um medalhão retratando o amor entre o homem e a mulher; já as do inverno, a fecundação do óvulo; na primavera, estação das flores, o painel retrata o embrião; e, o ipê do verão mostra um recém-nascido.

Na base das colunas, há faixas azuis remetendo às águas dos quatro rios do Paraíso, do Paraíba do Sul, onde Nsa. Sra. Aparecida foi encontrada, e as do batismo, de onde emerge o novo homem.

Considerações finais

Verificamos a importância do Santuário Nacional de Aparecida tanto para a Igreja católica como para a identidade do povo brasileiro. Notamos a inculturação/o *aggiornamento* proposto e solicitado pelo Concílio Vaticano II aos artistas e de que maneira Pastro plasmou não só os biomas e as raças do Brasil, mas também a arte indígena no baldaquino. Observamos o traço característico de sua obra, as cores e os diferentes materiais empregados. Observamos também que tanto a visão de mundo das catedrais românicas descritas por Eliade como a *axis mundi*, formada pela grande cruz que alinha o altar com a árvore da vida no centro da cúpula, estão presentes no Santuário de Aparecida.

Assim, concluindo, gostaríamos de ressaltar ainda as palavras de Eliade que resumem o exposto: “A virtude das imagens [...] é introduzir o indivíduo num mundo paralelo e permitir-lhe experiências psíquicas e iluminações espirituais mais inacessíveis.”³³ Entendemos que aquilo que a palavra proferida no altar e no ambão não alcança expressar, a iconografia o faz: a arte expressa o que a palavra não dá conta, possibilitando um encontro com a Jerusalém Celeste sobre a terra, o mundo paralelo citado por Eliade.

Significativo como Pastro rebate críticas à arte sacra cristã e concluímos com sua explicação a este respeito:

As formas muito hieráticas, muito nobres, é para dizer que nós somos dessa descendência nobre também. Isso é para acentuar, quem olha, que todos nós somos de uma estirpe nobre. Isso é muito importante, sobretudo para as pessoas mais simples ou para as pessoas que estão em desespero.³⁴

³³ Opus Citatum, p. 101.

³⁴ PASTRO apud TODA, Opus Citatum, p. 163.

Referências bibliográficas

Bíblia de Jerusalém, São Paulo: Paulus, 2016.

CUNHA, Zenilda. **A composição do espaço sagrado no Santuário de Aparecida**: arte sacra de Cláudio Pastro, em Aparecida, 300 anos de fé e devoção, Aparecida: Academia Marial de Aparecida, 2017.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas** – vol. III, Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

PASTRO, Cláudio. **Guia do espaço sagrado**, São Paulo: Edições Loyola, 1999.

PASTRO, Cláudio *in* GUIMARÃES, Pe. Valdivino. **Iconografia de Aparecida** – teologia da imagem, São Paulo: Paulus, 2017.

PASTRO, Claudio. **Santuário de Aparecida**, São Paulo: Editora Santuário, 2018.

RUPNIK, Pe. Marko I. A arte como expressão da vida litúrgica, Brasília: Edições CNBB, 2019.

TODA, Egídio S. **A arte sacra de Cláudio Pastro na Basílica de Aparecida e sua contemporaneidade** – história, cultura e leitura de suas obras, dissertação de mestrado defendida em 2013, na Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

TOMMASO, Wilma S. Cláudio Pastro, a inculturação e a arte indígena no Santuário Nacional de Aparecida. **Revista Piratininga**, vol. 3, 2020.

Sites acessados

<https://www.a12.com/redacaoa12/igreja/o-esplendor-da-natureza-brasileira-na-arte-sacra-de-aparecida>, acessado em 25/09/2022.

<https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/festa-da-padroeira/2018/noticia/2018/10/10/obra-arquitetonica-encanta-fieis-que-visitam-a-basilica-de-aparecida.ghtml>, acessado em 25/09/2022.